
Mark Fisher e as Teorias da Comunicação?¹

Anotações teórico-metodológicas para um futuro projeto de pesquisa

Fabrizio SILVEIRA²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

O texto constrói as bases para um projeto de pesquisa que discutirá a pertinência dos escritos do filósofo e crítico cultural inglês Mark Fisher (1968-2017) para o campo da Comunicação. Pretende-se indagar a respeito de uma eventual *epistème* comunicacional inscrita nos textos de Fisher (ou a ser extraída deles). Para tanto, se atém 1) ao modo como determinados objetos midiáticos surgem em suas análises e autorizam projeções conceituais, juízos macrossociológicos; 2) ao modo como autores canônicos em nossa área (tais como Herbert Marcuse e Stuart Hall, por exemplo) são revisitados e repotencializados; 3) às suas experiências de escrita, seja em blogs, seja em publicações pseudoacadêmicas ou na imprensa musical especializada, atuando como um tipo de “intelectual público”; e 4) à sua atuação como arqueólogo (involuntário) da cultura digital inglesa tal como se apresentava na metade da década de 1990.

Palavras-chave

Teorias da Comunicação; Mark Fisher; realismo capitalista; realismo espectral; epistemologia da Comunicação.

O problema geral

A pergunta acima – que dá título a este texto – merece ser desdobrada. Talvez assim possa ganhar consistência e produzir em torno de si um maior lastro, mostrar-se um pouco mais razoável. De que forma o jovem filósofo e crítico cultural inglês, falecido aos 48 anos, no início de 2017, pode se fazer hoje pertinente aos estudos de Comunicação? Quais são as particularidades do trabalho de Fisher, seja em termos formais (no que toca às modalidades de análise ou aos métodos nos quais ele investiu), seja em termos de conteúdos abordados (os objetos empíricos específicos aos quais deu preferência), que o tornam um autor relevante, merecedor de atenção especial em nossa área de estudos? Há em Fisher algum cacoete epistêmico (alguma perspectivação, por

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista (UFSM). Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS) e doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos / RS). Pós-Doutor pela *School of Arts and Media* (Salford University, UK). Atualmente, realiza estágio pós-doutoral – bolsa PNPd Capes – junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. E-mail: fabriciosilveira@terra.com.br.

exemplo, um modo particular de enquadrar fenômenos sociais diversos) que o justifique enquanto teórico *da* comunicação – ou, no mínimo, enquanto alguém capaz de produzir achados, estabelecer relações produtivas, do ponto de vista dos conhecimentos acumulados sobre as mídias e seus efeitos, as mídias e suas gramáticas, seus vetores de circulação, os dilemas que abrem no tecido da experiência contemporânea?

E as interrogações continuariam. Acaso Fisher repercute o repertório canônico das Teorias da Comunicação, valendo-se delas e assumindo-se, assim, como autor efetivamente engajado, “amigável à causa”, não só como o agente esporádico de uma interface disciplinar interessante? Do ponto de vista formativo – isto é, no curso da maturação de seu pensamento filosófico –, como (e com que gravidade, com que impacto) as questões midiático-comunicacionais foram se apresentando? Elas são recortadas enquanto tais? São enfrentadas com algum grau de consciência ou intencionalidade epistêmicas? Haveria no pensamento de Mark Fisher uma certa naturalidade ao incorporar temáticas da atualidade midiática (as séries televisivas, o pós-punk, a literatura *pulp*, a cultura *rave*, o exercício da política nas redes digitais) que o colocariam no posto de um teórico *fuzzy*, dono de uma teorização em tom menor (DELEUZE & GUATTARI, 2015; HALBERSTAM, 2020)³, pós-disciplinar, híbrida e atravessadora – e logo, em razão de tudo isso, como defendem alguns de nossos pares⁴, tipicamente comunicacional? É o fato de que tenha atuado como um dos indutores, uma voz de linha de frente na condução de alguns dos movimentos filosóficos mais revigorantes dos últimos vinte anos (quais sejam: o aceleracionismo, o realismo especulativo, a ontologia orientada aos objetos, as arqueologias retrofuturistas voltadas à música pop – e o próprio “realismo capitalista”, título, aliás, do livro que lhe deu renome internacional) que o posiciona como um autor obrigatório, quase inescapável, nas duas primeiras décadas deste século, no rincão disciplinar que for? Encontraríamos

³ “Literatura menor”, nas palavras de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2015), e “baixa teoria”, conforme Jack Halberstam (2020), são expressões que nos facultam aludir a um modelo teórico sem pretensão de universalidade, desprovido de coesão interna ou despreocupado em relação a ela, sem padrões analíticos rígidos, cujo alcance é mais local e imediato. São contrassaberes, de certo modo, mais voltados à abertura do que ao fechamento explicativo, caracterizados por sua dimensão artesanal, reativa, liminar e *paracientífica*. No Brasil, numa perspectiva similar, talvez aproximável, José Luiz Braga (2020) tem discutido o que chama de *teorias intermediárias*.

⁴ Não referimos a nenhum estudo concreto. Fazemos menção a uma ocorrência trivial nos debates epistemológicos sobre a Comunicação: a percepção de que nossa singularidade disciplinar adviria de nossa flagrante vocação à interdisciplinaridade. Essa posição remonta a Wilbur Schramm (1907-1987), um dos autores pioneiros da área, para quem a Comunicação seria uma espécie de “ciência-encruzilhada” (cf. MARTINO, 2017).

nele uma caixa de ressonâncias estratégicas para voltarmos às Teorias entre nós hegemônicas, surpreendendo-as revitalizadas, revistas, dispostas em nova chave?

De que modo, enfim, as mídias – ou, num espectro mais largo, as “questões comunicacionais” – definem a situação⁵, o corpo e o pensamento de Mark Fisher? O que significa lê-lo no Brasil de 2022? Como atualizá-lo? Como traduzi-lo?

São inúmeras questões. De fato. As próprias respostas às quais elas nos remetem se dão em distintos níveis ou distintos estratos de discussão (níveis biográficos, epistêmicos, sociológicos, político-acadêmicos). Sem dúvida, precisaríamos redistribuí-las e reorganizá-las, cercando-as em blocos mais homogêneos, abordando-as aos poucos. Mais adiante isso será feito. Agora, no entanto, só o que nos interessa é compor um cenário muito geral de problematizações teórico-metodológicas, uma base de operações – em duas frentes (articuláveis) – a partir da qual construiremos novas suspeitas e explorações futuras, a serem atacadas num encadeamento de ensaios pontuais de reflexão.

Anotações teóricas

Mark Fisher nasceu em Leicestershire (UK), em 1968. Doutorou-se em Filosofia, em Warwick, em 1999. Faleceu em 13 de janeiro de 2017, tendo enfrentado crises depressivas intermitentes desde a adolescência. Dentre tantos, esse é um dos temas sobre os quais falou abertamente, legando-nos textos francos e pungentes.

É muito difícil, em poucas linhas, abranger o conjunto integral de seus interesses: da música pop – especialmente o pós-punk e a música eletrônica, de cujas cenas ele participou ativamente, a partir de meados da década de 1980 – aos seriados televisivos e aos programas humorísticos da televisão britânica, tão ao gosto da classe trabalhadora, de onde ele provinha; da nascente cultura digital – pois pertenceu à geração que migrou da web 1.0 para a web 2.0 – às lutas políticas pautadas pelo Partido Trabalhista, sob a liderança recalcitrante de Tony Blair; do marxismo à literatura de horror e à ficção científica; da filosofia continental e do pós-estruturalismo ao cinema hollywoodiano; da crítica ao sistema de ensino médio na Inglaterra pós-Margaret

⁵ “Os meios definem nossa situação”: esse é um trecho da frase de abertura de *Gramofone, Filme, Typewriter*, de Friedrich Kittler (2019, p. 17).

Thatcher à desmontagem do neoliberalismo e do turbocapitalismo informacional que tomaram o planeta de assalto durante as primeiras décadas deste século. A diversidade de tópicos é enorme.

Escritos em tom pessoal, íntimo e nostálgico, seus textos são máquinas de invenção conceitual: chamam a atenção pelo modo como descrevem cenários sociais ou mesmo objetos muito prosaicos, submetendo-os a interpretações ensaísticas incomuns, seja pela fertilidade, seja pelos ângulos adotados, beirando às vezes o insólito. Produz-se, a partir daí, sínteses teóricas alentadoras, sempre surpreendentes⁶.

Tais características e tais assuntos estão concentrados à perfeição em *Capitalist Realism. Is there no alternative?* (2009), o primeiro livro que publicou. “Realismo capitalista”, para Fisher, é um conceito geral e descritivo, demarca um período histórico, engloba a estética retrô e passadista (evidente na música pop da época, por exemplo), a subjetividade desencantada (de uma libido artificial, errática e deflacionária), o estilhaçamento dos ideais utópicos, a anomia política e reflexiva que floresceram num mundo gerido pelo neoliberalismo, pela economia da especulação financeira e da austeridade forçada.

O impacto da publicação foi imediato. Deu-se, em parte, devido à sua concretude sociológica – às experiências reais que compartilhava; em parte, devido à cartela de instrumentos conceituais que pôs em circulação – “stalinismo de mercado”, “hedonismo depressivo” e “ontologia dos negócios”, além da expressão que intitula o livro. Em parte, ocorreu devido à eficácia dos bordões que amarram a narrativa e costumam os casos empíricos às estocadas analíticas – quais sejam: “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do sistema capitalista (?)” e “não há alternativa (?)”.

Seguiram-se *Ghosts of My Life. Writings on depression, hauntology and lost futures* (FISHER, 2014) e *The Weird and the Eerie* (FISHER, 2016). Um, dedicado, mais enfaticamente, à música pop (Joy Division, Burial, Kanye West); outro, às estéticas do “estranho” e à *weird literature* (H. P. Lovecraft, H. G. Wells, Margaret Atwood) – muito embora os temas não estejam esterilizados, não sejam tratados numa

⁶ Permito-me expor aqui uma impressão pessoal: me vêm à mente, sempre que o leio, uma certa *melancolia de esquerda*, tal como vejo em Walter Benjamin, algo do faro e da inventividade heurística de Roland Barthes (em especial, o Barthes das *Mitologias* [1957]). Deles, Fisher traz ainda a multiplicidade de focos, a implicação pessoal, a naturalidade da escrita e a combatividade política. É assim que o avalio.

auspícia de laboratório químico. Ao invés de isolá-los, para efeitos de uma análise “escolar”, sóbria e academicamente “correta”, trata-se de atravessá-los, montar blocos mistos, sondar recombinações e extrapolações estratégicas.

A máquina conceitual, por sua vez, permaneceu eficiente, como de costume: o leitor se deparava com chamados à “espectrologia” (*hauntology*), à arqueologia retrofuturista (isto é, à prática de imaginar o futuro como o súbito retorno de um passado perdido – sem celebrá-lo, necessariamente –, mas reencontrando-o como potência libertadora, antes desperdiçada), convites ao realismo espectral e ao deslocamento por “memórias oblíquas” (isto é, tomar para si a memória de um outro, num exercício de amnésia voluntária, alteridade e descentramento).

Não se pode, entretanto, compreender as fundações do pensamento de Fisher sem trazer à tona o período de sua formação doutoral em Warwick (UK) e a experiência que manteve ao longo de treze anos, entre 2004 e 2016, como responsável pelas postagens regulares no blog *K-Punk*, com o qual fundiu a vida acadêmica, os afetos e o documento de identidade. Os livros autorais passaram, antes, por esse domínio. Forjaram-se nesse registro.

O *Cybernetic Culture Research Unit* (CCRU) foi o grupo de pesquisas ao qual Fisher se associou em Warwick. Coordenado pela filósofa Sadie Plant, liderado posteriormente por Nick Land, o grupo se tornou o espaço onde foram lançadas as bases da chamada filosofia aceleracionista – ou de certas tendências, pelo menos, do aceleracionismo. O programa de ensino era auspicioso: alguns textos marxistas (“O fragmento sobre as máquinas”, por exemplo, de 1857-1858), seriam lidos a partir do pós-estruturalismo francês, com a suposição de que a aceleração dos fluxos desterritorializantes do capital seria o único modo plausível de vencer ou revolucionar o sistema capitalista (cf. AVANESSIAN e REIS, 2017).

Há muita controvérsia a respeito da composição e do funcionamento do grupo⁷. Sabe-se, porém, que durou pouco – entre 1994 e 2003, no máximo. Sabe-se que – além de Plant, Land e Fisher – Stephen Metcalf, Iain Hamilton Grant, Ray Brassier, Kodwo Eshun, Robin Mackay, Luciana Parisi, Matthew Fuller, Steve Goodman, Anna

⁷ Foi esse coletivo que editou a revista *Abstract Culture* e organizou, entre 1994 e 1996, a série de conferências *Virtual Futures*. Um ótimo relato sobre a existência do grupo foi dado pelo jornalista e crítico musical Simon Reynolds, que chegou a descrever as instalações onde as reuniões teriam ocorrido entre março de 1995 e outubro de 1997 (REYNOLDS, 1999).

Greenspan e Hari Kunzru também participaram, com graus variáveis de envolvimento. Sabe-se que germinaram ali as inquietações que convergiriam no realismo especulativo, uma das febres da filosofia contemporânea após 2002⁸.

A despeito das influências e do círculo de convívio, Fisher parece ter adquirido, contudo, uma voz própria, sem ser hermética nem solipsista. Valendo-se dos diálogos que manteve com Slavoj Žižek e Franco Berardi, encontrou em Nick Land uma verdadeira nêmesis, um oponente à altura⁹, e se definiu de modo mais transversalizado em relação aos movimentos filosóficos que viu proliferar (e com os quais colaborou¹⁰, indiretamente ou não).

Um oportuno sumário de seu percurso intelectual foi elaborado por Victor Marques e Rodrigo Gonsalves no posfácio à edição brasileira de *Capitalist Realism* (FISHER, 2020; SILVEIRA, 2021d). São quatro fases, eles localizam:

Primeira fase – de 2003 a 2005. É a fase inicial do blog *K-Punk*, onde os temas, o vocabulário e o estilo são tributários ao CCRU. Destacam-se as preocupações com a “experiência-limite”, o “materialismo gótico”, o ciberpunk e o “racionalismo frio”. A crítica musical está em primeiro plano. Do ponto de vista político, adota uma postura abstencionista.

Segunda fase – de 2005 a 2009. Fisher se coloca sob a influência da psicanálise, de Fredric Jameson, Slavoj Žižek e do pós-operaísmo italiano (na via de Franco

⁸ 2002 é o ano do lançamento de *Tool-Being: Heidegger and the metaphysics of objects*, de Graham Harman. Essa vertente filosófica – para a qual o livro de Harman é um marco mais ou menos consensual – almeja formular novas ontologias e novas racionalidades não-antropocêntricas e não-hermenêuticas (HARMAN, 2002, 2015). Pode-se rastrear – admitidos então os postulados gerais – duas orientações internas distintas, duas forças dominantes: o materialismo especulativo e a ontologia orientada aos objetos. Dois importantes periódicos brasileiros dedicaram edições inteiras ao realismo especulativo: as revistas *Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas* (n. 12, julho-dezembro de 2015), editada junto à PUCSP, e *ECO-Pós* (v. 21, n. 2, 2018), editada junto à UFRJ. Noutra circunstância os retomaremos.

⁹ É comum nos depararmos com paralelos ou oposições simplistas entre Land e Fisher: de um lado, coloca-se o professor excêntrico, um anti-humanista radical, um aceleracionista de direita; de outro, o aluno dedicado, um neo-humanista, um aceleracionista de esquerda (MACKAY, 2019). É uma polarização digna de uma futura conferência.

¹⁰ Duas outras abordagens filosóficas minoritárias (numa acepção deleuzeana) podem ser vistas na vizinhança das indagações de Mark Fisher: o afrofuturismo e o xenofeminismo. Quem melhor representa o primeiro é Kodwo Eshun, com o livro *More Brilliant than the Sun: adventures in sonic fiction* (London: Quartet Books, 1998) e o artigo “Further considerations on Afrofuturism”, publicado em *CR: The New Centennial Review* (volume 3, número 2, no verão de 2003). O xenofeminismo decorre, mais remotamente, da discussão sobre ciberfeminismo iniciada por Sadie Plant (1999), na primeira metade da década de 1990, continuada por Luciana Parisi e Anna Greenspan e encabeçada, mais recentemente, por Helen Hester (2018), junto ao coletivo de intervenções públicas, entre a arte e a política, Laboria Cubonicks (cf. PINHEIRO, 2021).

Berardi). É a fase de *realismo capitalista*, o livro, com todo seu corpo de conceitos e preocupações – dentre elas, a preocupação com a agência política e a construção de um novo sujeito coletivo.

Terceira fase – de 2009/2010 a 2014. Atenta às questões políticas concretas, questões organizacionais e programáticas. Discute o conceito gramsciano de hegemonia. Trabalha e escreve em parceria com o sociólogo Jeremy Gilbert, sob a influência teórica de Stuart Hall. Visa novas formas de ação coletiva e reivindicações de classe.

Quarta fase – de 2014 a 2017. É a fase do “comunismo ácido”, propondo um retorno à contracultura. Interessa-se por práticas de “elevação da consciência”, atua em parceria com o coletivo autonomista Plan C¹¹, sob a influência de Herbert Marcuse, em especial do livro *Eros e Civilização* ([1955] 1972).

Acertada ou não, essa periodização é imprescindível para que possamos prosseguir, no propósito de desencaixotar o autor e encontrar nele as nuances e as complexidades que o fazem – à luz de nossas intenções midiático-comunicacionais – mais atraente e adequado¹².

...

Desde que foi traduzido para o português e lançado no Brasil, em setembro de 2020, pela editora paulista Autonomia Literária, o livro *Realismo Capitalista. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* (FISHER, 2020) tem equiparado o nome de Mark Fisher ao nome de uma vedete, uma celebridade acadêmica. Desde então têm sido frequentes os espaços de discussão – os *meetings* remotos – a ele reservados¹³.

¹¹ Consultar: <https://www.weareplanc.org/>

¹² Dadas as restrições de extensão deste documento, mais do que fazer o debate teórico propriamente dito, optamos aqui por cercá-lo e dar as coordenadas “geográficas” onde a usina conceitual de Mark Fisher irá erigir-se.

¹³ Cabe listar três ocorrências: o encontro entre Victor Marques, Letícia Cesarino, Maikel Silveira e Moysés Pinto Neto, transmitido no canal Transe, no YouTube, em 22 de setembro de 2020, com mais de 3.700 visualizações, contadas um ano depois; a conversa entre Amauri Gonzo, editor da Ponte Jornalismo, o jornalista André Maleronka e Tiago Soares, pesquisador e doutor em História pela USP, com a mediação de Vinícius Félix, do *podcast* Telefonemas, dentro da FLIPEI 2021 – Festa Literária Pirata das Editoras Independentes, também disponível no YouTube, contando com mais de mil e duzentas visualizações, poucos meses depois; o encontro entre Victor Marques (mais uma vez, devido ao cargo que ocupa como editor da Autonomia Literária), Heribaldo Maia e Gustavo Gaiofato, no canal Doutora Drag,

Mesmo antes desse lançamento inaugural em língua portuguesa, realizou-se no Instituto de Filosofia e Ciência Social da UFRJ, no Rio de Janeiro, entre 24 e 25 de agosto de 2018, o primeiro *Colóquio Mark Fisher: Realismo Espectral*, frequentado por dezenas de estudantes de pós-graduação, provenientes da Ciência Política, das Artes Plásticas, da História, da Filosofia, das áreas do Cinema, da Literatura e da Comunicação. Nessa época, traduções amadoras esparsas já podiam ser obtidas, disseminadas pelas redes sociais e pelos fóruns de discussão online. Desde então, a curiosidade só tem aumentado.

Noutros países – tais como Itália, Argentina, Polônia, Alemanha, França, Turquia e Coréia, onde o livro já está traduzido –, ocorreu uma acolhida semelhante, francamente favorável, com ótimas repercussões de crítica e vendagem. É fácil encontrar pela web, numa rápida consulta ao Google, resenhas positivas, mais ou menos extensas, mais ou menos minuciosas.

De outra parte, a revista *Mediations – Journal of the Marxist Literary Group*, editada junto à Universidade de Illinois, em Chicago (EUA), trouxe, em sua edição de 2019-2020 (volume 33, números 1-2), um dossiê comemorativo aos dez anos da publicação original, contando com contribuições de Matthew Flisfeder, Jodi Dean, Benjamin Noys, Leigh Claire La Berge, Kai Heron e Dan Hassler – quatro deles, dentre os seis pesquisadores ora nomeados, pertencentes ao campo dos *media studies*.

Anotações metodológicas

Aceitando-se então que há uma certa orientação comunicacional na perspectiva de Fisher, como evidenciá-la, efetivamente? Como permitir que ela aflore, venha à frente, melhor caracterizada?

Nossa intenção é realizar um estudo teórico-monográfico¹⁴ (ECO, 1993; STUMPF *in* BARROS e DUARTE, 2006) – de cunho biobibliográfico, se necessário –,

de Dimitra Vulcana, no YouTube, realizado em 12 de janeiro de 2021 e assistido, seis meses depois, por quase 4.000 mil pessoas. São 9.000 *views*. São números expressivos, indicativos de um sucesso de nicho.

¹⁴ Em *Como se Faz uma Tese*, Umberto Eco (1993) estabeleceu distinções entre tese panorâmica e tese monográfica; tese histórica, tese teórica e tese experimental. São tipificações correntes entre o público acadêmico, especialmente entre orientadores de TCCs. É isso que temos em mente quando nos comprometemos com a realização de uma monografia teórica.

capaz de abranger a totalidade ou quase a totalidade dos escritos de Mark Fisher¹⁵. Fundamentalmente, sete obras adquirem peso referencial: duas coletâneas organizadas (FISHER, 2009b; BUTT, ESHUN e FISHER, 2016), três livros autorais publicados em vida (FISHER, 2009, 2014, 2016) e duas publicações póstumas (FISHER, 2018; FISHER e AMBROSE, 2018) – ver figuras abaixo.

Figuras 01 a 07



A relação completa dos livros publicados por Mark Fisher entre 2009 e 2018. Fonte: Amazon.

Além delas, um grupo de outras referências complementares é composto por uma primeira geração – ainda inesgotada, pode-se presumir – de estudos de sistematização, comentários críticos incipientes e homenagens ao legado e à memória viva do autor (McKAY *et al.*, 2017; COLQUHOUN, 2020; WATSON, 2021). Entre esses textos se encontra, por exemplo, *Post Capitalist Desire. The final lectures*, organizado e editado por Matt Colquhoun (FISHER e COLQUHOUN, 2020), trazendo um breve ensaio de apresentação e a transcrição das últimas cinco aulas ministradas por Fisher na Universidade de Londres, em Goldsmiths, semanas antes de falecer.

A esse grupo auxiliar acrescentam-se dois outros artigos, ambos extensos, publicados recentemente (e traduzidos, também recentemente): “K-Punk ampliado”, de Simon Hammond (2021), e “Socialismo psicodélico”, de Jeremy Gilbert (2021). São dois textos criteriosos, que saltam dos bastidores biográficos à interpretação detida, bem como especulam sobre a potência da reflexão de Fisher e sua capacidade de redirecionar

¹⁵ Hammond (2021) nota que alguns escritos de Mark Fisher saíram como contribuições individuais, em publicações mais ou menos isoladas, de pouca circulação. Outros se perderam como colunas de crítica musical na imprensa britânica. Por não serem numerosos, e dada a ausência de maior transcendência, não foram incluídos em *K-Punk*, a coletânea de postagens feitas no blog mantido desde 2004.

debates cruciais, assentando-se como contribuição significativa, ao invés de mero modismo passageiro¹⁶.

“K-Punk ampliado” – ou “K-Punk at large”, no título original – saiu na *New Left Review* de julho-agosto de 2019, recebendo, na mesma revista, no mesmo ano – todavia em segunda época –, uma tradução ao espanhol. O texto de Hammond traça um vasto painel da obra de Mark Fisher, localizando-a, de forma bem pouco pacífica, na tradição dos Estudos Culturais e compreendendo-a num arco de maturação que principia em *Realismo Capitalista* (FISHER, [2009] 2020) e é interrompido, abruptamente, em *Comunismo Ácido*, o livro que restou apenas esboçado, do qual se dispõe apenas o capítulo introdutório.

Jeremy Gilbert, por seu turno, fala como um amigo pessoal. É a partir dessa proximidade afetiva que nos escreve, convertido num interlocutor direto. “Socialismo psicodélico”, o texto que ele assina, veio a público no jornal *OpenDemocracy*, em 22 de setembro de 2017 e se apresenta menos como peça de contextualizações e contrapontos necessários – ainda que assim o seja – e mais como exposição de bastidores e uma fraterna saudação ao espólio de Mark Fisher.

Este conjunto – que já temos, aliás, ao alcance da mão – conjuga um núcleo duro e suas margens internas. São duas listas bibliográficas visceralmente interrelacionadas. Há pouca possibilidade de que esse *corpus* estruturador seja alterado. De uma parte, é difícil que estudos críticos de maior fôlego apareçam numa quantidade que não possamos dar conta, entre 2022 e 2023. De outra parte, é pouco provável que escritos inéditos sejam descobertos e postos em circulação. Nosso ponto de partida, considerando-se aceitável essa avaliação – e salvo alguma evidência em contrário¹⁷ –, está relativamente bem consolidado.

Mas como, afinal de contas, ler esses escritos? Como examiná-los? Que tensão analítica se pode produzir a partir deles?

¹⁶ Numa crônica veiculada no jornal *The Irish Times*, o jornalista Rob Doyle perguntou se Fisher não seria o mais importante escritor britânico deste século (DOYLE, 2019). Seria? O questionamento é ilustrativo. Por outro lado, é perigoso. Uma análise madura precisará evitar os riscos do personalismo e do elogio da singularidade da autoria.

¹⁷ Segundo Hammond (2021), existe um rumor de que escritos esparsos anteriores a 2004 serão publicados. Essa informação, no entanto, não foi confirmada em outras fontes nem foram dados maiores detalhes a respeito do projeto. Caso se confirme, isso implicará uma ampliação de nosso acervo bibliográfico de base.

O primeiro movimento é o de reconhecer, nesse banco de referências bibliográficas primárias, o modo como perfazem um sistema teórico. Falamos aqui em termos de recorrências temáticas, angulações e conceitos variados (conceitos de fundo, conceitos operacionais), impasses e provocações conceituais, acima de tudo. Trata-se de perceber a urdidura de uma trama. Que variáveis conceituais são utilizadas? Onde são buscadas – em que matrizes ou vertentes filosóficas? Como são refeitas? Como funcionam? Alimentam-se? Cooperam mutuamente?

Nossa suposição é de que existe uma clara compactação nesse sistema, com redundâncias, linhas de continuidade, reafirmações e remissões internas perceptíveis. Trata-se de trazê-las à frente. Trata-se de evidenciá-las, com focos mais aproximados, maior vagar e parcimônia. Há que se reconhecer, portanto, o percurso das ideias do autor, as fontes anteriores, os materiais com os quais trabalha, as leituras prévias de que se vale. Importa ver o modo como suas ideias se fazem assentar, sendo recolocadas em ação logo à frente, sofrendo eventuais interferências, expondo-se à refutação, se for o caso, mudando de tonalidade. Trata-se de ver – ainda, como variação sutil – o modo como se desenrola uma genealogia conceitual, um fluxo de conceitos e concepções encontrando uma paragem e – num ponto qualquer de repouso – uma nova propulsão.

Explorar uma certa dimensão comparada é outra ação que nos auxiliaria. No caso, seria útil examinar paralelos e afetações entre as perspectivas temático-conceituais adotadas por Fisher e o patrimônio histórico das Teorias da Comunicação – aferidas, entre nós, com poucos consensos, sempre tentativamente, como bem sabemos, por uma diversidade considerável de manuais, compilações e sistematizações diversas, textos-guia e textos de comentadores (cf. LOPES, 1990, 2003, 2016; BOUGNOUX, 1999; MATTELART e MATTELART, 1999; FAUSTO NETO, PRADO e PORTO, 2001; HOHLFELDT, MARTINO e FRANÇA, 2001; SANTAELLA, 2001; ENZENSBERGER, 2003; FERREIRA, 2007; BERGER, CRAIG e MARTINO, 2007; BRAGA, FERREIRA, FAUSTO NETO e GOMES, 2013; MARTINO, 2017)¹⁸.

¹⁸ Trata-se de uma ilustração. Indicamos alguns volumes de Teorias da Comunicação no intuito de montar uma amostragem representativa, em termos de abrangência temática, histórica e geográfica. São os materiais mais comumente estudados nas disciplinas de graduação e nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação espalhados pelo país. Muito se discute sobre os critérios empregados nesses livros, sobre o que excluam e o que incluem como pertinente à área. Em complemento, poderíamos citar os fóruns específicos nos congressos da Intercom e da Compós, os quais acompanhamos há mais de vinte anos. Um detalhe merece destaque: na correlação que montamos – entre Mark Fisher e as Teorias da Comunicação –, Fisher é a “porta de entrada”, é a ênfase principal. As questões de Teorias serão puxadas a partir dele, tal como se deixarão aparecer. É em virtude disso que não adotamos, neste documento, um foco invertido

Como as reflexões associadas à fundação epistêmica de nossa área deságuam na escritura ágil de Mark Fisher? Como Fisher as mobiliza e as redimensiona? Pistas capazes de iluminar tais relações – as quais nos agradaria perseguir, pondo-as à prova – já foram dadas por Simon Hammond, que o situa na tradição dos Estudos Culturais britânicos, sob a sombra vigilante de Stuart Hall (HAMMOND, 2021); pela filósofa inglesa Nina Power (2018), que o equipara ao Herbert Marcuse (1972) de *O Homem Unidimensional*; por Mike Watson (2021), que também enxerga como antecessores os demais frankfurtianos (Max Horkheimer, Walter Benjamin e Theodor Adorno); pelo pesquisador brasileiro Márcio Telles (2016), que ponderou sobre as “boas práticas publicitárias” – quais seriam, não é mesmo? – à luz do realismo capitalista; ou pela leitura da tese de doutorado *Flatline Constructs. Gothic materialism and cybernetic theory-fiction* (FISHER, 2018), defendida em Warwick (UK), em 1999, que é considerada fundamental para entendermos a recepção da internet no Reino Unido e na qual Jean Baudrillard e Gilles Deleuze despontam como autores centrais, em cuja órbita o documento se organiza.

O mesmo procedimento pode ser aplicado no que diz respeito aos estudos alinhados à filosofia aceleracionista, ao realismo especulativo e à ontologia orientada aos objetos (HARMAN, 2015; AVANESSIAN e REIS, 2017). O pensamento de Fisher está sendo urdido aí, nessas fricções, entrando e saindo desses enquadramentos, propondo-os e desvencilhando-se deles. Examiná-lo desse modo, ponto a ponto – aos cotejamentos, contrastativamente –, pode ser importantíssimo. Pode ser uma ótima forma de abri-lo à discussão.

Há que se observar ainda seu caráter de associação à agenda jornalística, ao consumo da atualidade midiática, seu caráter de reação política ao presente vivido, no avanço progressivo dos anos 2000, e sua imersão num cotidiano cultural britânico

– no que seria uma alternância figura/fundo –, com a ênfase recaindo sobre o mapeamento das questões internas, próprias e diretas de Teorias da Comunicação, tal como as entendemos hoje no Brasil. Se fôssemos resgatar debates mais *internalistas*, nos agradaria levantar, de início, três pontos: 1) a escassez de pesquisas teóricas, tomadas numa acepção rigorosa (cf. STUMPF in BARROS e DUARTE, 2006; MALDONADO, 2011); 2) a distinção entre teorias clássicas e teorias contemporâneas, com as consequências – os problemas e as novas sistematizações – que daí decorreriam; e 3) a *natureza* da teoria, sua natureza intrínseca – não a indagação sobre *quais são* as Teorias, mas sobre o que é *uma* Teoria da Comunicação. São temas – como outros já sublinhados – para serem tratados *dentro* do projeto, nos meses que temos pela frente (cf. LOPES, 1990; SANTAELLA, 2001; BERGER, CRAIG e MARTINO, 2007).

(“anglocentrado” em demasia [e isso é um problema real a ser ponderado, num capítulo à parte, como projetamos]).

Junto disso, importa notar a incidência de uma lógica medial – a estrutura arborescente de uma rede de blogs e sites online –, cabendo-nos apontar às plataformas para as quais os textos foram inicialmente produzidos. A filosofia de Fisher seria intrinsecamente midiaticizada? Estaria texturizada pelas mídias desde a raiz? O ambiente midiático é sua gruta original e seu refúgio por excelência? Longe de serem retóricas, são questões sensíveis, revestidas de um caráter tático¹⁹.

Ao que parece, esse endereçamento à blogosfera deixa marcas indeléveis na confecção desses escritos – o tom de fala, a periodicidade, a atenção ao presente imediatamente vivido, a resposta curta, as citações cruzadas aos leitores afins, co-participantes dessa mesma arena pública de troca de opiniões, bravatas e juízos diversificados. Reconhecer esse ponto, avaliar tais caracterizações é revelar, numa dada instanciação, o posicionamento comunicacional do trabalho de Mark Fisher. É também criar bases para discuti-lo. Ou seja: é formular estratégias metodológicas para compreendê-lo.

Nossos procedimentos, como exposto até aqui, serão exegéticos, genealógicos e teórico-críticos. Em alguma medida, serão “materiais”²⁰. Cada uma dessas rubricas, se

¹⁹ É sintomático que Mike Watson tenha chamado a atenção, num livro recente (WATSON, 2021), sobre a avalanche de memes retratando Mark Fisher em sites e redes de compartilhamento. Há inúmeros perfis dedicados a ele no Instagram, por exemplo. Esses memes têm circulado nos últimos anos e reproduzem os fragmentos mais ácidos dos escritos de Fisher, mostrando-o – às vezes, à hilariedade – como um tipo de “garoto enxaqueca”, uma espécie de “guru do desencantamento”, dono de um contundente discurso de “autoajuda às avessas”. Há, inclusive, dois grupos no Facebook: Mark Fisher Memes for Hauntological Teens e Mark Fisher Depressive Ghostposting, o primeiro, com dez mil, o segundo, com mais de trinta mil membros. Será esse o destino inevitável da crítica política de sabor frankfurtiano, orientada à esquerda, no seio do realismo capitalista? Virar piada de adolescente? Tornar-se meme? Numa dessas imagens vemos a capa de *Capitalist Realism* (FISHER, 2009) como a fachada de um galpão, as frias instalações de uma fábrica. Uma fila enorme atravessa as dependências dessa “fábrica”, atravessa-a por dentro, de uma ponta à outra, na tosca representação de uma linha de montagem. Até a entrada, a fila é composta por figuras humanas padronizadas, ordeiras e sem vida. Depois, à saída, a fila se modifica: passa a ser ocupada por palhaços saltitantes e sorridentes, enlouquecidos, à semelhança de Ronald McDonald, o mascote da conhecida rede de hambúrgueres, ou ao (tragi-)cômico Arthur Fleck, o personagem interpretado por Joaquin Phoenix no filme *Coringa*, dirigido por Todd Phillips (EUA, 2019).

²⁰ Numa perspectiva kittleriana, apontamos, noutro escrito (SILVEIRA, 2021b), para a dimensão material da circulação do conhecimento produzido em nossa área. Considerá-la seria descrever o mercado editorial, com seus filtros, suas agendas e seus pontos de corte, as políticas editoriais praticadas, a qualidade e a dinâmica dos pareceres cegos, os critérios empregados para “selecionar”, “recusar” ou “deixar perecer”, a própria distribuição geográfica das publicações científicas e dos bolsões de produtividade. “Mercado”, como salientamos, não aponta tão somente às trocas comerciais ou às relações mercantis. Antes, refere a uma infraestrutura de procedimentos, regras explícitas (editais, chamados, *call for papers*), regras tácitas, arquivos, dispositivos e cooperações informacionais – além da alocação de recursos, claro. Os sistemas de pensamento, num sentido ainda pouco explorado, parecem sofrer

tivéssemos mais tempo, mereceria definições condizentes, explanações mais cuidadosas. Com elas, apenas indicamos, num registro um pouco mais formalizado, que iremos nos ater à leitura, à contextualização, à síntese desconstrutiva e à reconstrução dos arranjos argumentativos de um grupo fechado de textos.

Para expressá-lo de outro modo, numa espécie de inversão pedagógica: nossos procedimentos não serão aplicados, experimentais ou observacionais – fiéis à crença fenomenológica de uma relação humana com o mundo mediada pelos sentidos –, com a pressuposição (militante, em alguns casos) de que “a realidade tal como a nós se apresenta” existe com tangibilidade superior àquela provocada pelos livros com os quais um pesquisador se envolve²¹.

A princípio, não faremos entrevistas²². Não iremos a campo. Não mergulharemos de cabeça num corpus empírico de objetos materiais delimitados *a priori*. Iremos abranger uma rede discursiva, um conjunto finito de ensaios analíticos, tentando deprender daí suas (de)limitações, sua força propulsora, sua gagueira e sua operacionalidade típicas – o lugar que ocupa na escalada de reflexões sobre mídia e política, mídia e entretenimento na lógica cultural da hipermodernidade tardia e alucinatória em que vivemos.

determinações decorrentes dos sistemas – ditos então “materiais” – de circulação, viabilidade e visibilidade dos sistemas de pensamento. Num ensaio introdutório sobre o realismo especulativo, Erick Felinto (2018, p. 157) constata algo similar. “Como explicam [Levi] Bryant, [Nick] Srnicek e [Graham] Harman” – três dentre os autores mais emblemáticos do movimento, ele diz –, “o uso de plataformas online foi fundamental para a difusão eficaz das propostas do realismo especulativo” (FELINTO, 2018, p. 157). Não só para a “difusão”, acrescentaríamos. Mas para a própria formatação, o desenho mesmo das ideias a serem defendidas.

²¹ Essa não é uma posição a ser sustentada em abstrato, independentemente da conjuntura singular que agora se apresenta. Nossas experiências anteriores de investigação acadêmica foram experiências marcadamente empíricas, voltadas ao trabalho de campo pesado, de viés etnográfico, onde recorremos a técnicas como a fotografia, os diários de bordo, a observação participante, as entrevistas semi-estruturadas e – num caso particular altamente instrutivo – os genogramas familiares. O que defendemos, pontualmente, tendo em vista assumir maior compromisso com o nicho das Teorias da Comunicação, é a licença para a realização de uma investigação metateórica, de exclusiva ênfase epistemológica, realizada no conforto da biblioteca.

²² Embora não tenhamos a intenção de realizar entrevistas biográficas sobre a trajetória de vida de Mark Fisher, não as descartamos de todo. O que nos faz mantê-las como “carta na manga”, a ser sacada conforme os andamentos e as necessidades sentidas no curso da pesquisa, são os contatos que mantivemos com Simon Hammond e Jeremy Gilbert, em razão dos artigos que traduzimos. Se for necessário, não é de todo inviável ter acesso a outros sujeitos, integrantes do círculo mais próximo de amigos, colegas e conhecidos de Mark Fisher – incluindo aí, num cadastro de virtuais informantes, Michael Goddard, colaborador em projetos de pesquisa anteriores, hoje lotado em Goldsmiths, na Universidade de Londres, onde Fisher lecionou. Além disso, a condição da morte fez com que proliferassem memórias e relatos biográficos similares. Muitas informações foram disponibilizadas, aliás, no ecossistema de blogs a partir do qual o autor de *Realismo Capitalista* adquiriu notoriedade. Mas não é ocioso repetir: nosso planejamento é para que tais estratégias metodológicas não sejam empregadas.

Bibliografia

- AVANESSIAN, A.; REIS, M. (orgs.). *Aceleracionismo*. Estratégias para una transición hacia el postcapitalismo. Buenos Aires: Caja Negra, 2017.
- BARTHES, R. *Mythologies*. Paris: Editions du Seuil, 1957.
- BERGER, C.; CRAIG, R.; MARTINO, L. *Teorias da Comunicação*. Muitas ou poucas? Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2007.
- BOUGNOUX, D. *Introdução às Ciências da Comunicação*. Bauru: EDUSC, 1999.
- BRAGA, J. L. Teorias intermediárias: uma estratégia para o conhecimento comunicacional. *Revista MATRIZES*, V.14, No. 2, maio/ago., 2020, p. 101-117.
- BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (orgs.). *Dez Perguntas para a Produção de Conhecimento em Comunicação*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.
- BUTT, G.; ESHUN, K.; FISHER, M. *Post Punk Then and Now*. London: Repeater, 2016.
- COLQUHOUN, M. *Egress: on mourning, melancholy and Mark Fisher*. London: Repeater, 2020.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka*. Por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- DOYLE, R. Is Mark Fisher this century's most interesting British writer? *The Irish Times*, 30/03/2019. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/culture/is-mark-fisher-this-century-s-most-interesting-british-writer-1.3835122>. Acessado em 26 de julho de 2021.
- ECO, U. *Como Se Faz uma Tese*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- ENZENSBERGER, H. M. *Elementos para uma Teoria dos Meios de Comunicação*. São Paulo: Conrad, 2003.
- ESHUN, K. *More Brilliant than the Sun: Adventures in Sonic Fiction*. London: Quartet Books, 1998.
- _____. Further considerations on Afrofuturism. *CR: The New Centennial Review*, volume 3, n. 2, summer 2003.
- FAUSTO NETO, A.; PRADO, J. L. A.; PORTO, S. (orgs.). *Campo da Comunicação*. Caracterização, problematizações e perspectivas. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2001.
- FELINTO, E. Realismo especulativo, comunicação e a lula-vampiro do inferno. *Revista ECO-Pós – Dossiê Realismo Especulativo*, revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / RJ, v. 21, n. 2, 2018. Disponível em: revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos.
- FERREIRA, J. (org.). *Cenários, Teorias e Epistemologias da Comunicação*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.
- FISHER, M. *Capitalist Realism*. Is there no alternative? Winchester – UK; Washington – EUA: Zero Books, 2009.
- FISHER, M. (org.). *The Resistible Demise of Michael Jackson*. Winchester – UK; Washington – EUA: Zero Books, 2009b.
- _____. *Ghosts of My Life*. Writings on depression, hauntology and lost futures. Winchester – UK; Washington – EUA: Zero Books, 2014.

-
- _____. *The Weird and the Eerie*. London: Repeater, 2016.
- _____. *Flatline Constructs*. Gothic materialism and cybernetic theory-fiction. New York: Exmilitary, 2018.
- _____. *Realismo Capitalista*. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FISHER, M.; AMBROSE, D. (eds.). *K-Punk: the collected and unpublished writings of Mark Fisher (2004-2016)*. London: Repeater, 2018.
- FISHER, M.; COLQUHOUN, M. *Postcapitalist Desire: the final lectures*. London: Repeater, 2020.
- GILBERT, J. Socialismo psicodélico. Revista *DasQuestões*, Universidade de Brasília / DF, vol. 12, n.1, junho de 2021, p. 97-122. Traduzido por Fabrício Silveira e Matheus Borges. Título do original: Psychedelic socialism. *OpenDemocracy*, 22 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/psychedelic-socialism>. Consultado em 20 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/34541>
- HALBERSTAM, J. *A Arte Queer do Fracasso*. Recife: CEPE, 2020.
- HAMMOND, S. *K-Punk* ampliado. Revista *InTexto*, Porto Alegre / RS, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFRGS, n. 52, e-108170, 2021, 34p. Traduzido por Fabrício Silveira e Matheus Borges. Título do original: K-Punk at large. *New Left Review* 118, jul./aug., 2019, pp. 37-66. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/108170>
- HARMAN, G. *Hacia el Realismo Especulativo*. Buenos Aires: Caja Negra, 2015.
- _____. *Tool-Being*. Heidegger and the metaphysics of objects. Chicago and La Salle, Illinois: Open Court Publishing Company, 2002.
- HESTER, H. *Xenofeminism*. London: Polity Press, 2018.
- HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. (orgs.). *Teorias da Comunicação*. Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.
- KITTLER, F. *Gramofone, Filme, Typewriter*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2019.
- LOPES, M. I. V. (org.). *Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas*. São Paulo: ECA / USP, 2016.
- _____. *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MACKAY, R. et al. *The Fisher-Function*. London: Urbanomics, 2017.
- _____. El inhumanismo experimental de Nick Land. In: LAND, Nick. *Fanged Noumena – Vol. 01*. Barcelona: Holobionte, 2019.
- MALDONADO, A. E. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: MALDONADO, A. E. et al. *Metodologias de Pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 279-303.
- MARCUSE, H. *Eros e Civilização*. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- _____. *O Homem Unidimensional*. A ideologia na sociedade industrial. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

- MARQUES, V.; GONSALVES, R. Contra o cancelamento do futuro: a atualidade de Mark Fisher na crise do neoliberalismo. In: FISHER, M. *Realismo Capitalista*. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020, prefácio à edição brasileira, p. 163-207.
- MARTINO, L. C. *Escritos de Epistemologia da Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. *História das Teorias da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- PINHEIRO, D. B. Sadie Plant e o processo de feminização da cultura como feminismo aceleracionista. Revista *Das Questões*, Universidade de Brasília / DF, vol. 12, n.1, junho de 2021, p. 86-96.
- PLANT, S. *Mulher Digital*. O feminismo e as novas tecnologias. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- POWER, N. Sociedade sem oposição: o Homem Unidimensional de Marcuse encontra o Realismo Capitalista de Mark Fisher?. Tradução de Bárbara Santos. Dossiê Herbert Marcuse, Parte 1 – *Dissonância*: Revista de Teoria Crítica, v. 2, n. 1.1), p. 22-34, junho de 2018.
- REYNOLDS, S. Renegade Academia: The Cybernetic Culture Research Unit. Director's cut of unpublished feature for *Lingua Franca*, 1999; short remix appeared in *Springerin*, 2000. Disponível em: <http://energyflashbysimonreynolds.blogspot.com/2009/11/renegeade-academia-cybernetic-culture.html>. Acesso em 29 de dezembro de 2019.
- SANTAELLA, L. *Comunicação & Pesquisa*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- SILVEIRA, F. Da arqueologia da mídia às ficções teóricas. Um giro reflexivo. Revista *Vozes & Diálogo*, Univali / SC, Itajaí, v. 20, n. 01., 17p., Jan./Jun. 2021a. Disponível em: <file:///Users/fabriciosilveira/Downloads/16959-48091-1-PB.pdf>
- _____. Cartografias possíveis: aspectos epistemológicos da circulação do conhecimento no campo da Comunicação. Revista *TROPOS: Comunicação, Sociedade e Cultura*, Universidade Federal do Acre, Rio Branco – AC, v. 10, n. 01, julho / 2021b. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4880>.
- _____. Hiperstição e geotrauma em *Cyclonopedia. Complicity with anonymous materials*, de Reza Negarestani. Revista *Semeiosis – Semiótica e Transdisciplinaridade*. Edição especial Pandemia, efeitos simbólicos e hiperconectividade, São Paulo / SP, v. 13, Set. 2021c.
- _____. “O espectro de uma sociedade livre”. Considerações sobre o comunismo ácido de Mark Fisher. Revista *ECO-Pós – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro / RJ. Dossiê: Guerras Culturais, vol. 24, n. 2, 2021d.
- STUMPF, I. R. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (orgs.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Editora Atlas, 2006, p. 51-61.
- TELLES, M. Cair na real: “boas práticas” publicitárias sob a ótica do realismo capitalista e do aceleracionismo. In: JESUS, E.; TRINDADE, E.; JANOTTI JR., J.; ROXO, M. (orgs.). *Reinvenção Comunicacional da Política*. Modos de habitar e desabitar o séc. XXI. Salvador / Brasília: Ed. UFBA, Compós, 2016, p. 113-127.
- WATSON, M. *The Memeing of Mark Fisher: how the Frankfurt School foresaw capitalist realism and what to do about it*. Winchester – UK; Washington – EUA: Zero Books, 2021.